

Caos em Moçambique

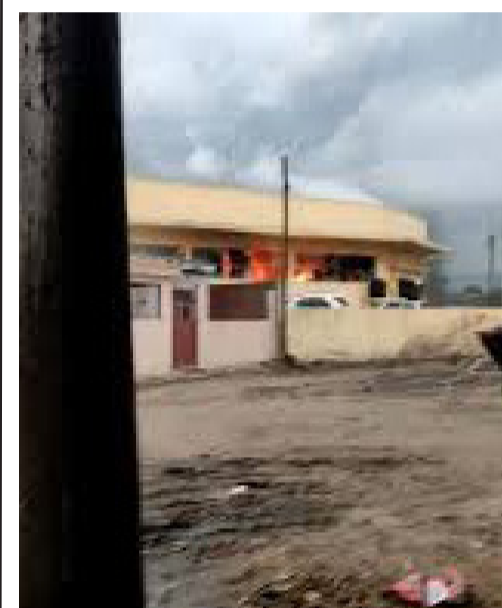
Partido podemos não aceita á validação e proclamação dos resultados eleitorais anunciados pelo CC



Júlia Fumo: Figura do Ano 2024



ARMAZÉM DO STAE INCENDIADO EM MAPUTO DURANTE PROTESTOS



OPINIÃO

O AZUL DO ÍNDICO

É NATAL... (À MEMÓRIA DO JORNALISTA CARLOS CARDOSO)

Caos em Moçambique

Partido podemos não aceita á validação e proclamação dos resultados eleitorais anunciados pelo CC



Segundo o presidente do Partido Otimista para o Desenvolvimento de Moçambique- PODEMOS, que apoia a candidatura do Venâncio Mondlane rejeitou na ultima terça-feira com os resultados validados e proclamados pelo CC.

Tendo dito seguinte em conferencia de imprensa que urgem reflexões da sociedade moçambicana, que podem levar a compreensão de aspectos importantes e que consubstanciarão a razão da oposição. É evidente o desrespeito a vontade expressa pelo povo nas urnas. Dada a educação mentirosa que as instituições que administram os processos eleitorais teimam em incutir a sociedade moçambicana. Me coloco as seguintes questões: a) Porque é que em todas eleições, de maneira cíclica e permanente se observa o claro terrorismo de Estado a despeito dos direitos e das liberdades dos moçambicanos. Estes assassínatos que o Estado faz, tendo o direito da

força a usa contra a vontade popular e suas liberdades? Por que a existência de mecanismos, estratégias, incluindo actos ilícitos, ilegais e imorais para manter a Frelimo no poder? b) O problema de Moçambique que leva ciclicamente a conflitos pós eleitoral são o problema do povo ou da Frelimo. Da disposição da estrutura do Estado? c) Por que nos afiguramos como sendo um dos países, senão mesmo o único na região, senão mesmo em África e do Mundo, com sucessivos conflitos armados, antes, durante e depois de processos eleitorais? Será problema do povo, da oposição que temos, ou da Frelimo? d) Para os moçambicanos, são constantes e já fazem parte do léxico as palavras “diálogo”, bem como a palavra paz e a pronunciamos em todos discursos. Qual paz pretendemos? Qual paz se aspira? Quando enveredamos pelo caminho do desrespeito da vontade popular, da vontade do povo. Quando enver-

edamos pelo caminho da mentira? e) Oramos pela Paz/reconciliação. A verdadeira oração parte dos actos da justiça, da honestidade e do respeito da vontade do povo moçambicano. f) Moçambique como Estado de Direito Democrático almeja a justiça e o respeito da vontade do povo. A oposição enquanto dialéctica enriquece o processo de diálogo e contra-posição de ideias, e naturalmente, a Democracia sem a qual oposição se afigura como impossível. g) Único e verdadeiro patrão, o dono do poder, neste belo país é o povo moçambicano, que é o titular do poder. Desrespeita-lo é, consequentemente, usurpar o poder do povo e instalar a tirania e ditadura, oposto a democracia que afirma o poder do povo. h) Apesar das palavras diálogo e paz que usamos todos dias, apesar de sabermos das razões de fundo, que nos levam a cíclicos conflitos armados, e que por sua vez dilaceram vidas e economia já empo-

brecida, Moçambique continua único da região Austral, de África e senão mesmo do Mundo, que válida e proclama eleições após cerca de 60 dias, da data da votação. Por que? Na mesma diapasão de reflexão, coloco-me outrossim seguintes questões: Pelos resultados proclamados, estaremos a afirmar que povo moçambicano ignora o seu contracto social mesmo depois de 50 anos de Independência? a) Como se perceberia, como se justificaria os conceitos de justiça social, de redistribuição de bens, conceitos de equidade quando o povo, ao ter aceite, a democracia, permaneceria ainda por longos anos na pobreza, no desemprego, no sofrimento. b) Moçambicanos hoje estão profundamente empobrecidos, faz parte dos 5 países mais pobres do mundo, segundo a Transparência Internacional, com índice de desenvolvimento humano baixo e miserável, com serviços de saúde precário. c) A Frelimo deve aceitar a vontade popular como forma de respeito a si mesma. O poder pertence ao povo e jamais a um partido, seja qual for a sua história. d) Como é que um povo, um Estado, uma nação democrática, depois de 50 anos de existência tem vias de acessos e infraestruturas vitais ao desenvolvimento precários? Com serviços de saúde precários? Como a educação precária e sem qualidade? Com desemprego aumentando cada dia. Com pobreza absoluta não obstante a riqueza do país em recursos naturais, hídricos, faunísticos, oceânicos. e) Moçambique se afigura como um dos países mais corruptos do mundo com dados reconhecidos em todos os estudos. O CC é parte de instituições representativas da Frelimo, e portanto adversários políticos do PODEMOS e de todas outras forças políticas que compõem o lenço da democracia moçambicana. A justiça eleitoral se afigura como impraticável enquanto os órgãos de justiça são parte do partido Frelimo, com nomeações dos seus

representantes, incluindo a própria Juíza que leu o Acórdão. Nomeada pelo Presidente do partido Frelimo. De tal forma os recursos impugnatórios submetidos pelo PODEMOS são nada mais e nada menos um acto a ser deixado como inúteis. No lugar de CC procurar a justiça, se focalizou, para sua apologética posição em defesa da Frelimo, procurou defeitos, omissões. Não os tendo encontrado enveredou pela mentira nua e crassa. A politização das instituições do Estado, tal como CC, são uma grande barreira para a justiça, estamos a falar, neste momento, da Justiça eleitoral que o povo espera e desesperadamente envereda o caminho das manifestações das ruas como única e última recorências na ausência de instituições de Justiça. As manifestações das ruas ora pacíficas ora violentas porque fora do controle de qualquer instituição são o resultado directo da ausência do Estado, do Estado de justiça. Pelas razões acima expostas, sobretudo as apre-

sentadas através de recursos impugnando os resultados, em sedes das Comissões Distritais de Eleições, das Comissões Provinciais de eleições, da Comissão Nacional de Eleições e ultimamente ao Conselho Constitucional, os quais, pela politização destas instituições, não foram devidamente atendidos. O Partido PODEMOS não reconhece e nem aceita, em absoluto os resultados eleitorais validados e proclamados pelo Conselho Constitucional. Consideramos como razão de fundo para a não-aceitação dos mesmos, a falta de transparência, integridade, profissionalismo e responsabilidade dos órgãos de gestão e administração eleitoral, em última instância o Conselho Constitucional. i. ii. iii. A verdade eleitoral das eleições de 9 de Outubro de 2024 está intacta nas urnas; ela expressa a vontade dos moçambicanos na escolha do Presidente da República, Deputados da Assembleia da República e dos Membros das Assembleias Provin-

ciais. Para que se vá ao encontro da verdade eleitoral, que o CC sonou ao povo, urgia primeiro, reconhecer o número máximo dos votantes inscritos e elegíveis para depositar os seus votos em cada uma das três urnas instaladas em cada Assembleia de Voto. Em segundo lugar, retiraria-se todos os votos a mais, porque resultaram de enchimento, sendo estes exclusivamente do Partido FRELIMO, detentor do controlo da produção, segurança e distribuição dos mesmos/boletins de voto. iv. Posto isto, fazer-se-ia a real recontagem dos votos depositados/remanescentes em todas as urnas de todas as Assembleias de Voto. O resultado que sairia da recontagem destes votos remanescentes nas urnas, após a retirada dos boletins pré-votados, designar-se-á, de verdade eleitoral. O CC fechou olhos perante esta verdade, porque a Frelimo iria perder eleições. O CC não conseguiu vestir-se dentre outros, dos princípios de imparcialidade, justiça, isenção,

transparência e responsabilidade na busca dos pressupostos e caminhos, minimamente, convincentes e conducentes à procura da verdade eleitoral (verdade material). Em estados normais, verdadeiramente de direito democrático, forjar, divulgar, validar e proclamar resultados falsos, com base em actas e editais falsos, configura-se, potencialmente, um caso criminal de abuso do poder e corrupção activa, factos bastante relevantes para a abertura de um processo-crime, precedido duma auditoria forense. De ora em diante, o PODEMOS, em nome da justiça e da Pátria, pertença genuína dos Moçambicanos, e ainda no seu conceito de actor político sério, vai continuar a sua luta ao lado deste povo oprimido, discriminado, perseguido, empobrecido e assassinado, através de meios políticos, diplomáticos e judiciais, este último, usando todos os canais, nacionais e internacionais possíveis contra os infractores.

Júlia Fumo: Figura do Ano 2024

“Quando gostamos de fazer algo temos que correr atrás” Considera Fumo Ex praticante de futebol, começou a praticar quando tinha apenas 15 anos, jogou primeiro no Ferroviário de Maputo, anos depois jogou no Clube de Zixaxa, também jogou no Clube Costa do Sol onde terminou a sua carreira em 2014.

Júlia Paulo Fumo, natural de Maputo disse a nossa reportagem que teve uma infância tranquila, com muitos desafios porque gostava de praticar a actividade física, num ambiente em que a maioria dizia que futebol não, pelo menos praticasse educação física, mas a conceituada treinadora tinha uma paixão tão grande pelo futebol tendo persistido até conseguir entrar num dos clubes. Nessa altura viva com o irmão mais velho á quem pediu a permissão para aderir tendo aceite e recomendado que devia incluir a escola como prioridade sine qua non, lembra-se de ter levado avante as recomendações até se



formar e agora para além de ser treinadora é professora de educação física desde 2005,

Ao longo do período em que praticava futebol enfrentou vários desafios tendo em conta que outrora o fute-

bol feminino era meio estranho para os demais, porque algumas pessoas apoiavam e outras não mas naquela altura em que jogava poucas pessoas que se interessavam-se, futebol era considerado uma modalidade para homens mas enfrentou tudo pelo “amor” persistiu tendo atingido alguns patamares, agora faz parte da equipa técnica da seleção feminina, entrou na Federação Moçambicana de Futebol em 2018, depois de ter frequentado uma formação de preparador físico, notaram que tinha certo potencial por isso solicitaram para ser seleccionadora adjunta e, de lá para cá tem trabalhado como adjunta seleccionadora e seleccionadora nacional da seleção feminina sub-17

Não tem sido vítima da exclusão social a sociedade tem apoiado bastante, nota que quando abraçou muitos diziam que uma mulher não era capaz, mas nesta altura muita gente aparece a apoiar e de certa forma valorizam, numa altura em que é adjunta da eq-

uipa sénior, sub-20 e seleccionadora nacional da seleção sub-17 sente-se tranquila, não tem havido estereótipo de género que é homem ou mulher temos feito um trabalho colectivo, uma verdadeira equipa técnica em harmonia que me deixa confortável.

“Devo considerar que tem sido muito fácil para mim porque conheço muito bem o futebol feminino, afinal antes fui uma praticante, são vários desafios que enfrentei e acredito que as meninas continuam a enfrentar, mas da forma diferente porque a sociedade e os pais têm apoiado”.

Para este tipo de cargo tem tido varias deslocações a nível nacional e internacional, mas admite o incondicional apoio familiar o que tem contribuído bastante no seu desempenho, isso acontece desde a altura em que era praticante de futebol, estudava e agora é trabalhadora continua benefi-

ciando deste apoio familiar que desde já agradece.

Disse ainda que a pouco tempo participou no torneio COSAFA com a seleção feminino sub-17, tendo avaliado positivamente nota que esta aparição foi pela primeira vez a participar nesse tipo de escalão, na primeira fase disputou três jogos e teve três vitórias, isso nunca havia acontecido antes nem com as seniores ou mesmo com as sub-20 então é uma seleção que promete e contamos com essas jovens. *“Levavamos uma media de quase 60 a 70% meninas 13, 14 a 15 anos e se calhar 25% com meninas de 16 anos então isso significa que na próxima edição ainda contamos com essas meninas que de certa forma ganharam uma experiência (...) com seniores e sub-20 não conseguimos chegar lá mas já está a se verificar um trabalho notável o que significa que*

há aqui uma certa evolução naquilo que é o futebol feminino é só continuarmos a trabalhar e contamos com as mesmas meninas, para além de participar na próxima edição algumas iram alimentar a seleção sub-20 da mesma forma que a seleção sub-20 irá alimentar a seleção sub-17”.

Considerou ainda que o grande desafio que tem enfrentado principalmente nessa categoria de sub-17 é a formação da própria seleção, visto que aqui em Moçambique não temos o campeonato nesse escalão, só tem apenas em escalão único que é sénior dai que algumas meninas são obrigadas a jogar na seleção sénior, algumas sem oportunidade de certa forma para formar na seleção isso tem sido um desafio.

Admitiu ainda que para atrair as meninas a praticar o futebol isso já esta a acontecer com a visibilidade das ac-

tividades da vasta na comunicação social que de certa maneira despoleta na consciência de muitas, alegria também aos próprios encarregados que de certa forma eles conseguem ver que afinal de contas esse assunto é serio, graças a comunicação social que de certa forma tem difundido as nossas realizações.

Por fim gostava de dizer a todas mulheres para que nunca desistam dos seus sonhos, nada vai cair do céu temos que andar atrás, tudo é possível quando gostamos, quando gostamos de fazer algo temos que correr atrás, é lá onde havemos de aprender mais, vamos cair sim, vamos levantar e sempre com cabeça erguida e em algum momento havemos de ver que no final de contas é possível e esperarmos que um dia alcancemos os nossos sonhos e nunca desistir.

Armazém do STAE Incendiado em Maputo Durante Protestos

Um armazém do Serviço Nacional de Transporte de Estradas (STAE) foi completamente consumido pelas chamas na noite de segunda-feira, em Maxaquene, na cidade de Maputo. O incidente, que ocorreu durante uma onda de protestos, resultou em danos significativos às instalações e afectou várias viaturas que estavam estacionadas nas proximidades.

As chamas tomaram conta do armazém rapidamente, levando à destruição total do espaço e de veículos que se encontravam no local. Equipes de bombeiros foram accionados e trabalharam por várias horas para controlar o fogo. Apesar dos esforços, as instalações do STAE foram severamente comprometidas, levantando preocupações sobre a continuidade dos serviços prestados pela instituição.

O incêndio ocorreu em meio a uma série de manifestações na capital moçambicana, onde a população expressa descontentamento em relação a questões sociais e económicas. Os manifestantes, que se reuniram em Maxaquene, reivindicam melhorias



nas condições de vida e uma resposta mais eficaz do governo diante das dificuldades enfrentadas pela comunidade.

As autoridades locais condenaram os actos de vandalismo e iniciaram uma investigação para apurar as circunstâncias que levaram ao incêndio. O governo enfatizou que a segurança da população é uma prioridade e que medidas serão tomadas para restau-

rar o armazém e garantir a continuidade dos serviços do STAE. Além disso, foi destacada a necessidade de um diálogo construtivo com a população para abordar as preocupações levantadas durante os protestos.

A reacção da comunidade em Maxaquene é mista. Enquanto alguns apoiam as reivindicações dos manifestantes, outros expressam preocupação com os danos materiais e a es-

calada da violência. O incêndio gerou um clima de tensão na área, com muitos cidadãos clamando por soluções pacíficas e eficazes para os problemas enfrentados.

O incêndio no armazém do STAE reflecte as crescentes frustrações da população moçambicana diante de questões sociais e económicas. À medida que as autoridades trabalham para restaurar a ordem e investigar o incidente, a necessidade de um diálogo aberto e de soluções sustentáveis se torna cada vez mais evidente. O futuro do STAE e a recuperação das instalações são questões prioritárias, e a comunidade espera que acções concretas sejam tomadas para evitar novos conflitos.

Este incidente destaca a urgência de abordar as preocupações da população e a importância de um diálogo construtivo entre o governo e os cidadãos. O desenrolar dos eventos nas próximas semanas será crucial para a estabilização da situação em Maxaquene e para o fortalecimento da confiança entre a comunidade e as autoridades.

Água da Namaacha

com gás

Água Mineral Natural Gaseificada
Sparkling Natural Mineral Water



com gás
Água da Namaacha
Água Mineral Natural Gaseificada
Sparkling Natural Mineral Water
330

Luís Munguambe Jr



LÍDERES OU OPORTUNISTAS?

Onde está o líder? Pergunta-se isso todas as vezes que se vêem os rostos estampados nos jornais, ou ouvem-se os discursos ensaiados nas televisões. Será ele realmente um líder ou um mero oportunista, que usa a desilusão e a fome de mudança da população como trampolim para se elevar enquanto arrasta os outros para o fundo?

A verdade é que a política, em muitas partes do país, deixou de ser uma missão de serviço público para se transformar numa arte de disfarçar interesses pessoais e ambições desmedidas. Os que deveriam ser os guias da nação são agora vultos que se alimentam da ignorância, dos problemas e da desesperança do povo. Aparecem nas ruas, nos palcos das campanhas eleitorais, como se fossem os salvadores da pátria. Prometem tudo, falam de mudança, de progresso, de um futuro brilhante. Mas a sua única verdadeira intenção é garantir que os seus bolsos se encham, enquanto a fome se alarga, a educação se deteriora e os hospitais se colapsam.

Onde estão os líderes que se preocupam com as pessoas, com as suas ne-

cessidades, com os seus sofrimentos? Onde estão aqueles que sacrificam o seu conforto em nome de uma causa maior? Eles, se é que ainda existem, estão a ser abafados pelo som estridente dos discursos vazios, pela busca incessante do poder pelo poder. E o povo? O povo, na sua ânsia por mudança, segue-os cegamente, acreditando que, um dia, esses mesmos que os iludem irão salvar a sua pátria. Mas não, o que se vê é uma nação entregue a oportunistas que não têm a mínima intenção de mudar o estado das coisas. Eles não estão a servir a pátria; estão a servir a si mesmos.

Eles se tornam ricos, poderosos e influentes, enquanto os seus concidadãos continuam a ser vítimas do sistema que ajudaram a criar. Os líderes que o povo precisa não se preocupam em governar para o bem comum, mas sim em perpetuar o seu poder, em se manter no topo, enquanto as bases da pirâmide continuam a afundar. A sua estratégia? Manipular as massas, explorar as fraquezas da população, e oferecer migalhas enquanto as fortunas se acumulam nas suas contas bancárias.

São as suas promessas vazias que alimentam o ciclo da desilusão. Cada vez que falam, parece que estão perto de um novo amanhecer, mas o que os espera são noites escuras, sem fim. E, no entanto, continuam a ser venerados, continuam a ser seguidos por aqueles que acreditam, cegamente, que são mais do que simples instrumentos de manipulação. E os que ousam questionar? São vistos como traidores, como inimigos da nação. Pois, na terra dos oportunistas, a verdade é um luxo e a coragem uma fraqueza. Os verdadeiros líderes são aqueles que põem o povo em primeiro lugar, que se colocam na linha da frente da batalha por justiça, por igualdade, por oportunidades. Eles não se sentam em gabinetes climatizados enquanto o povo luta pela sobrevivência. Eles não se ocultam atrás de um véu de poder para submeter os outros a um destino de miséria. Eles não falam de mudança como se fosse uma palavra vazia, eles a realizam. Eles não buscam aplausos, nem reconhecimento; buscam, acima de tudo, o bem-estar dos seus compatriotas.

O país não precisa de mais vaidade,

de mais egos inflados. O país precisa de líderes. E esses líderes devem ser aqueles que têm coragem de enfrentar o sistema que os sustenta, que têm coragem de lutar pela liberdade, pela justiça e pela dignidade do povo. O que se vê hoje, na maioria das vezes, são oportunistas disfarçados de salvadores. Eles não estão a lutar pela mudança; estão apenas a lutar pela sua próxima vitória eleitoral, pela próxima oportunidade de acumular riqueza e poder.

O momento de despertar é agora. O povo precisa de líderes que realmente liderem, que coloquem os interesses do povo acima de tudo, que não tratem o país como um campo de caça, mas como uma pátria a ser honrada. Porque, no fim das contas, quem somos nós? Somos cidadãos com direitos, somos a nação, somos os responsáveis por dar voz à mudança. Não podemos continuar a ser vítimas dessa farsa. Não podemos continuar a permitir que nos governem os oportunistas. Exigimos líderes, e exigimos agora

Acompanhe-nos a par e passo. Assine no jornal Preto&Branco



OPINIÃO

O AZUL DO ÍNDICO

Afonso Almeida Brandão

É NATAL...

(À Memória do Jornalista Carlos Cardoso)

Percebemos que a Vida tem mesmo graça quando, mal abrimos os olhos de manhã, nos lembramos de uma coisa que nos apetece fazer. Dispensamos aquele período de “terra de ninguém” em que, ainda de olhos fechados, tentamos perceber se está Luz lá fora e se Chove ou faz Sol. **Zip**, saltamos da cama em dois segundos e logo a assobiar. Não interessa a natureza do programa — que pode ser o dia em que vamos dar a volta ao Mundo, ou simplesmente aquele em que temos a certeza que o carteiro nos vai trazer uma carta. Agora, nesta época de Natal, basta acreditar que um dos anjinhos do Pai Natal veio buscar o envelope que lhe deixámos ao pé da chaminé, na noite de 24 para 25. O importante é ter expectativas... acreditar que aquele dia vai ser diferente do anterior e, se possível, ainda melhor.

Precisamos de expectativas, é a conclusão a que cheguei. E de surpresas — até porque para haver surpresas é preciso gente que nos saiba sur-

prender e isso é o melhor de tudo.

Tenho memória (ou será só a sensação?), de que as notícias e os acontecimentos eram saboreados um de cada vez — o primeiro dia de aulas de cada ano, a manhã em quem o ratinho tinha deixado uma moeda por troca de um dos nossos dentes, a chegada de um primo, o primeiro dia de férias do Natal, o Natal, a manhã em que esperávamos que o feijão plantado no dia anterior já chegasse ao Céu, como o da história. Um casamento, preparativos e tudo, dava para mais dois meses... E mal “acabávamos” um acontecimento, começávamos a antecipar o próximo, marcado já no Calendário.

As coisas más também duravam muito mais — as separações, as brigas, a morte e o luto.

Agora consumimos as sensações muito mais depressa. Só temos tempo para pensar no Natal na véspera e, se a nossa Mãe nos telefonar a lembrar, esquecemo-nos dos nossos próprios

anos. As semanas passam a correr e se a ida ao dentista já não nos dá noites a fio de pesadelo — graças às anestésias, é verdade, mas também ao facto de não podermos desperdiçar muito tempo a remoer no assunto — também a chegada de um amigo é “despachada” com um jantar apressado, porque amanhã toda a gente se tem de levantar cedo.

Tudo isto só significa um desafio à imaginação, temos de inventar mais surpresas por minuto — para nós próprios e para os outros — ou reinventar as antigas.

Não diga que não é capaz, porque basta ver o que faz a publicidade. Sempre que julga que mais ninguém vai inventar uma maneira de o fazer tirar os olhos da estrada, das páginas de texto de uma revista ou de um qualquer jornal, do livro que lê em frente da televisão, há alguém que descobre uma maneira de o fazer olhar.

Basta transportar para o dia-a-dia e para as relações com os outros a imaginação dos criativos de **market-**

ing e vai ver que salta todos os dias da cama com outro entusiasmo. Se suspeitasse que na sua caixa de correio, em lugar daquela papelada toda a anunciar os preços nos supermercados, estava uma torrada feita só de partes do meio, com um bilhete apaixonado do seu namorado, ou flores do seu marido, ou simplesmente um exemplar de um jornal desportivo, diga lá que não dispensava o despertador? Em último caso, compre um daqueles calendário do Advento — até aí a imaginação do **marketing** chegou e agora, por trás de cada janelinha há um chocolate, ou um brinquedo, porque já ninguém se levanta só para ver qual era o desenho desse dia.

Chegados aqui só me resta terminar a desejar aos nossos Leitores, Assinantes, Anunciantes, Prezados Colaboradores e Amigos, em geral, um Feliz Natal e Um Ano Novo Próspero para 2025.

A todos, numa palavra, BOAS FESTAS!

Acompanhe-nos a par e passo. Assine no jornal Preto&Branco



**O jornal Preto&Branco deseja a todos,
um feliz natal e um próspero 2025**





ACOMPANHE-NOS A PAR E PASSO. ASSINE NO JORNAL PRETO&BRANCO.



FICHA TÉCNICA

Director: Alexandre Mabasso

Projecto Gráfico: Julião Tsowo

Colaboradores:
António Maputso

Idrisse Rubane
Afonso Brandão
Luís Munguambe Jr
Laura Banze

E-mail: jornalopovo@gmail.com

Preço: 50,00 Mt

Assinaturas mensais: Individual-300,00 Mt

Institucional -2,500,00 Mt

Embaixada e ONG's -3,500,00 Mt

Mulotana – Distrito de Boane,
Matola - Moçambique